

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

LITERATURA E SAÚDE PÚBLICA

VOLUME 2

TERRITÓRIOS E CUIDADO:
GÊNERO, FAMÍLIA, VIDA E MORTE



Frederico Viana Machado
Isabel Cristina de Moura Carvalho
Janaina Liberali

ORGANIZADORES





Posfácio

Stela Nazareth Meneghel

Mas se a torrente das coisas quebra no rochedo do assombro, então não há nenhuma diferença entre uma vida humana e uma palavra.
Walter Benjamin

Posfácio, do latim, escrita que vem ao final; texto de teor explicativo que, acrescentado no final de livro, adverte ou explica o que for conveniente mencionar [sem ter a pretensão da última palavra, acréscimo meu].

Atender ao convite de escrever um posfácio para o livro *Literatura e saúde pública: a narrativa entre a intimidade, o cuidado e a política*, uma coletânea que mescla literatura e saúde me pareceu tarefa sumamente prazenteira, já que implicaria o privilégio da leitura prévia do manuscrito. Aceitei a solicitação, comecei imediatamente a ler o livro e devo dizer, para início de conversa, que o texto está lindo. Já, ao ler os primeiros contos, a história de uma dentista viajando a uma aldeia indígena para atender uma menina em estado grave — *Vida, cura e morte Magüta* - e o relato de médica cubana, trabalhadora do Programa Mais Médicos, lotada em uma vila perdida no mapa da Ilha de Marajó, onde se empenhou em cuidar de uma população paupérrima, vivendo em palafitas, secularmente desassistida - *Presente de garimpeiro* - fui completamente capturada pelos relatos. E o interesse e a emoção continuaram durante o percurso da leitura. Assim, a primeira constatação que faço é que, mesmo na diversidade, o livro é fiel a uma linha narrativa voltada à temática da saúde/enfermidade e ao relato de experiências impactantes, singulares, adensadas pela subjetividade dos (as) autores(as), pela originalidade das reflexões, pela atualidade dos temas e pela quebra dos limites entre ciência e ficção.

Poder-se-ia afirmar que a literatura tem identificado e descrito de modo mais preciso muitos flagelos e agravos que afligiram e afligem a população, ou nas

palavras de Juan Manuel Delgado e Juan Gutierrez (1995) a arte tem expressado nossa época de forma mais contundente que muitos tratados de sociologia (ou mesmo epidemiologia).

Gostaria de salientar a originalidade, a pertinência e a sensibilidade presente em cada um dos contos, relatos, textos poéticos e pequenas histórias deste livro, assim como o árduo trabalho de organizá-los, colocando cada um deles no seu “devido lugar”. Gostaria de dizer também o quanto a leitura deste livro instigou reflexões, pensamentos e insights.

A partir destas considerações iniciais, organizei este pós-escrito em três partes. A primeira delas está pautada no texto “O Narrador”, de Walter Benjamin (1985). Este texto clássico descreve com uma clareza impressionante o papel das narrativas ao longo da história da humanidade, em que partindo da tragédia compartilhada na *pólis grega* ao romance desfrutado por um leitor solitário, a narrativa foi se extinguindo. Na segunda parte, a ideia é trazer alguns relatos e experiências, inclusive algumas retiradas do próprio livro, sobre os efeitos do repositório de histórias, de fábulas e de produções engendradas para ler o mundo, na saúde e no bem estar humano. A ideia passa um pouco pela resposta à pergunta: por que a literatura faz bem à saúde? Na última parte são sugeridas algumas estratégias para seguir escrevendo, buscando inspiração nas Cartas a um jovem poeta de Rainer Maria Rilke (2006).

Vou fazer citações, muitas, vou me valer da voz e do gênio dos narradores e dos poetas, nunca deixo de citá-los, referi-los e copiá-los, como afirmei uma vez, parafraseando a voz do Carteiro, no livro de Skármeta (1996). O Carteiro que levava as cartas para Pablo Neruda, no seu exílio na ilha de Capri costumava usar as poesias de Pablo para fins pessoais. Interpelado por Neruda, que ficou sabendo do fato, o Carteiro justificava: a poesia depois de publicada não pertence mais ao seu autor, pertence a quem dela necessita. Usemo-las então.

Peço desculpas se for repetitiva ou se as ideias que aqui trouxer já sejam de domínio público, mas sabendo que um dos prazeres dos contadores de histórias está justamente na repetição dos velhos temas sempre buscando novas cores, tons e roupagens, suspendendo o(s) desfecho(s) para o amanhã, como fazia Sherezade no Livro das Mil e uma Noites (2005), nesse continuo contar e recontar, fazer e refazer o trajeto que possibilita a reconstrução de si mesmo.

E ainda sobre o processo de construção/reconstrução que a literatura instiga e permite, quero mencionar a escrita do texto *Cartas de Ivan Illich* no qual o conto tostoiano A morte de Ivan Illich (2008), considerado um dos clássicos da literatura médica e da relação médico-paciente, é reescrito. Na versão atual a história é recontada, agora ouvindo Ivan Illich falar, contando-nos sobre seus estados de espírito, suas atribuições causais e seus sofrimentos. A escrita é simples e tocante, criativa e sensível, abrindo uma porta para o outro, exercendo o caminho da empatia e do cuidado, e evidenciando a potência pedagógica da arte: um escritor russo no século XIX escreve sobre a desolação de um homem frente à doença e à morte, ignorado por sua família e sendo atendido e cuidado por um serviçal humilde; críticos e leitores, muitos deles médicos, consideraram em consenso este conto como exemplar e o tornam uma referência e; finalmente, uma bibliotecária do século XXI, volta ao conto e o reescreve, em forma de memórias, fazendo com que o próprio Ivan Illich, nos fale de seu sofrimento, medo e desamparo.

Walter Benjamin e o narrador

Walter Benjamin (1985), ao escrever sobre a arte da narração, em meados do século XX, afirmava que as vivências e experiências que fazem parte da arte de narrar encontravam-se em extinção. Ao exemplificar, descreveu dois tipos clássicos de narradores, o primeiro deles, aquele que sai pelo mundo, quer seja o viajante, o explorador ou o marinheiro e volta contando suas aventuras, o segundo é o guardião de um conhecimento, artista, artífice ou artesão, depositário de um saber, de uma técnica e de uma arte. Porém estes atores, o marujo e o artesão desaparecem com o advento da Revolução Industrial, que substituiu a arte do artesão pela linha de produção e as experiências dos marujos e viajantes pelos relatos jornalísticos.

Basta olhar o jornal, diz Benjamin, para saber que a população que saiu da guerra de trincheiras ao final de 1917 havia vivido uma experiência tão desmoralizante do ponto de vista ético, econômico e humano que nada mais parecia existir para ser contado. Aqueles soldados enterrados nas valas, envenenados com gás mostarda, parasitados e doentes de tifo e disenteria, já não se importavam com o inimigo - um homem afundado na lama igual a eles -. A

experiência da guerra, apesar do pseudo romantismo com que foi descrita, não tinha nada de grande, de heroico, não havia nada a contar. Sairemos da epidemia da Covid-19 desta maneira? Tão extenuados, espoliados e feridos que nada mais haverá para narrar? Tal qual o relato, no conto *Pestilentia*, em que a autora nos fala de uma Doença fatal que, como uma praga, uma peste, uma maldição, tomou conta do mundo. Neste conto, que mistura ciência ficção e realidade, impotente e desesperançada a humanidade se encaminha para o final. Haverá um final para a epidemia de Covid-19? Quantas e quantas vezes a literatura previu com pertinência a eclosão de epidemias ou cataclismos avassaladores?

Com a Idade Moderna, o advento da imprensa e da burguesia, a narrativa oral, que vinha de uma longa tradição, cede lugar ao romance, uma experiência pessoal e de solidão, não mais o compartilhamento comunitário de uma história. A despreocupação temporal também é quebrada pela urgência e rapidez da sociedade industrial, na qual já não há mais tempo para lapidar uma pedra ou um conto, e o meio de divulgação por excelência é o jornal. Benjamim (p.202) cita o fundador do jornal francês Fígaro, que costumava dizer, “para meus leitores, o incêndio de um sótão no *Quartier Latin* é mais importante que uma revolução em Madri”. Há neste caso a troca de um saber para uma informação. O saber vinha do longe espacial (terras estranhas na narrativa do viajante) ou temporal (a realização de uma obra selada na tradição do artesão) e possuía uma autoridade válida, mesmo quando se pautava no miraculoso, enquanto que a informação precisa ser objetiva, direta e compreensível.

O jornal nos informa a cada manhã sobre as notícias de todo o mundo, porém as notícias são veiculadas indiscriminadamente, mesclando acontecimentos de alta repercussão com o fato mais banal. Desta maneira, somos abastecidos em novidades e pobres em histórias surpreendentes nas quais desapareceu o mágico, o fantástico e o maravilhoso. Às vezes imagino o que dirão de nós os futuros historiadores, afirmava Albert Camus (1984, p. 7) apontando para a mediocridade em que estamos imersos. “Uma só frase lhes bastará para definir o homem moderno: ele fornicava e lia jornais. Depois dessa definição, o assunto ficará, se assim posso me expressar, esgotado.”

Ao lamentar o fim da narrativa — que o livro que ora lemos busca restaurar, recuperar e reviver - Benjamim defende que uma narrativa deve se eximir de interpretações e da análise psicológica. Para fundamentar essa asserção

ele recorre a Heródoto, cujos relatos enxutos, sintéticos e objetivos permanecem até a contemporaneidade. Heródoto simplesmente registrou os eventos que presenciou, ouviu ou viveu, abstendo-se de fazer quaisquer interpretações. Dessa maneira, ele conta a história do rei egípcio Psamênito, que assiste impassível a família escravizada e o filho executado, mas ao ver o mais humilde servo manietado, chora. Por que chorou Psamênito, perguntaram pensadores em várias épocas, sem concordarem entre si, pois a questão foi deixada em aberto (Bosi, 1994).

A (velha) arte de contar histórias pressupõe uma sincronicidade entre alma, olho e mão, articulados artesanalmente, artisticamente, humanamente. “Alma, olho e mão agindo uns sobre os outros, definem uma prática, a coordenação artesanal que encontramos na arte de narrar”, explica Benjamin (p. 221), e “o narrador pode ser incluído entre aqueles considerados mestres e sábios”.

Ressalto que muitos dos contos deste volume escritos por médicos, psicólogos e outros profissionais de saúde rememoram pacientes reais ou imaginários atendidos e cuidados por eles. Na medida em que o caso clínico se torna um relato literário, o (a) autor(a) demonstra o quanto foi afetado(a) por esta história e por esta vida e, dessa maneira, esses casos se tornam exemplares. Atingem, assim, uma dimensão pedagógica e de produção de conhecimento, no sentido benjaminiano em que a potência presente na narrativa é tal que “o narrador poderia deixar a luz de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida” (p. 221).

Por que a literatura faz bem à saúde?

Epidemias e doenças, sofrimento físico e mental fazem parte do repositório de temas abordados por escritores ao longo da história da humanidade. Estas produções literárias sensibilizam os leitores, ampliam a percepção acerca do adoecer humano e contextualizam os cenários históricos e sociais onde estes eventos ocorrem. A literatura mostrou o uso da doença como metáfora (Sontag, 1984) e como estigma (Goffman, 1980), identificou o preconceito e a xenofobia dirigidos aos doentes, incluindo atribuições raciais e étnicas para a eclosão de epidemias, como no momento atual em relação ao coronavírus e aos chineses.

Há textos literários que parecem complementar a compreensão de doenças

e agravos, assim como o fazem outras manifestações artísticas, que podem incluir desde peças teatrais, filmes, músicas, pinturas até desenhos e mensagens grafitadas nas ruas. E, por incrível que pareça, a inclusão da perspectiva artística e literária amplia a possibilidade de entendimento acerca do processo de determinação social destes eventos, o que nem sempre fica claro nos textos técnicos. Não se pode trabalhar com o suicídio sem usar referências literárias ao lado das científicas como, por exemplo, as leituras de *Anna Karenina* (Tolstói, 2005) e *Emma Bovary* (Flaubert, 1999), duas mulheres que, embora tão diversas, sucumbiram ao patriarcado, talvez se possa afirmar após conhecê-las (Meneghel, 2016).

A morte constitui outro tema temido, negado e escamoteado no contemporâneo. Na Antiguidade, assim como nas culturas indígenas e africanas, o velho, o ancião, aquele que vai morrer é um repositório de sabedoria. O momento da morte representa, então, um evento coletivo em que as pessoas se reúnem para ouvir uma mensagem, predições ou a benção daquele que parte. Esse ritual desapareceu com a modernidade e o hospital, como na Idade Média, voltou ao seu papel de morredouro, onde os doentes terminais não têm mais nem mesmo a possibilidade de se despedir de familiares. Esse fato foi exacerbado na epidemia de Covid-19 e relatos de trabalhadores de saúde, sobrecarregados, extenuados e em risco, dizem do pavor de pessoas que ao serem entubadas e pressentindo a morte, sabendo das medidas de isolamento e da contagiosidade da doença, pedem para que sejam transmitidas suas últimas palavras aos familiares. Nunca estivemos tão sós.

Outro aspecto relacionado com as narrativas mostra a importância de que os profissionais de saúde escutem as histórias que os pacientes contam. Sabemos quão escasso é o tempo dos profissionais de saúde e quão poucos são, mas como dizia um médico de família “se você ouvir o paciente por um tempo suficiente ele lhe dirá o seu diagnóstico”. Cada história de vida é única e particular, valendo lembrar as palavras de Tolstói (2005), na introdução de *Anna Karenina*, “todas as famílias felizes se parecem, porém, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”.

A compreensão da doença passa pela escuta da narrativa dos doentes vistos não apenas como um feixe de sintomas ou uma lista de exames a solicitar, mas, possuidores de uma identidade e história única, singular e específica. Vidas que podem ser descritas literária e poeticamente, como vocês fizeram neste livro, trazendo as mais diversas situações, pessoas de todas as idades, etnias, gêneros, e

classe social, portadoras de enfermidades e sofrimentos os mais diversos.

Nesse sentido, James Hillman (1989, p. 160), um psicanalista junguiano, recomenda que consideremos os pacientes como o fariam escritores e cineastas, usando o olho imagético, o olho da fantasia, da imaginação e da afetividade: *“precisamos olhar nossos pacientes como Visconti ou Fellini o fariam. Nossa linguagem é previsão estatística, não se encontra mais o olho descritivo individual, o olho clínico, o olho de Flaubert. Essa supressão de linguagem faz com que a maioria dos livros psicológicos pareça morta”*.

Outro efeito benéfico da literatura para a saúde e o bem estar humanos relaciona-se com a conservação da memória, tanto do ponto de vista de um grupo social, de uma comunidade, de um fato histórico, quanto do ponto de vista individual, dos acontecimentos felizes ou dolorosos da vida de cada um.

Quando as pessoas contam as suas histórias, escrevem diários ou autobiografias, este processo lhes permite lembrar, repensar e, mesmo, refazer o significado de suas vidas. Isso também pode acontecer quando a pessoa se identifica com um personagem durante a leitura de um livro ou ao ver um filme. Deste modo, as narrativas orais e as escritas como relatos biográficos ou textos de ficção são um dispositivo fundamental na resignificação das histórias de vida e na produção de sentidos para situações de doença, de dor e de injustiça (MENEGHEL; IÑIGUEZ, 2007), já que as histórias e os temas que escolhemos para contar dizem muito mais sobre nós do que poderíamos imaginar (AUGÉ, 1994).

Além disso, a literatura pode ter uma função de denúncia. Pessoas que sofreram uma injustiça, uma iniquidade ou infração de direitos precisam tornar este ato público, identificando o responsável que pode estar representado por uma abstração (o capitalismo, o racismo ou o sexismo, por exemplo) ou ser identificado e designado nominalmente. A denúncia atende a uma necessidade humana de reparação frente à(s) injustiça(s), porém é preciso quebrar o medo ou a inércia para romper o silêncio e convocar as pessoas ou grupos a denunciar a violação e a tomar partido ante a injustiça cometida (BOLTANSKI, 2000; OLIVEIRA; MENEGHEL; BERNARDES, 2007).

Muitos dos textos da obra aqui referenciada constituem relatos de situações de injustiça, iniquidade, violências, maus tratos a usuários e usuárias de serviços. Podem ser citados os contos sobre pacientes psiquiátricos, *O Endereço*, por exemplo, em que,

após um breve interregno propiciado pela Reforma Psiquiátrica as janelas voltaram a ser gradeadas. O mesmo está descrito em relação ao (não) cuidado, podendo se referir a pessoas trans (*Um óbito mal definido*), pessoas em situação de extrema vulnerabilidade econômica (*A dor como forma de existência. Doutor não vê que estou sangrando?*), a jovens que têm os bebês confiscados, quando não são consideradas confiáveis segundo a moral vigente (*Ode as rosas*, ou meninas apreendidas para doação). Pela lente da micropolítica, algumas destas escritas mostram o desmonte do SUS e o esfacelamento de direitos, mesmo os exíguos, a retirada deste “colchão de proteção” que o Estado representa para a parcela mais pobre e desprotegida da população, sob a pressão do capitalismo mais desenfreado.

Os autores e autoras desta coletânea deixam clara a contradição entre o cuidado que os e as trabalhadores (as) de saúde desejam exercer e as condições objetivas para a realização deste cuidado que não são disponibilizadas. Então, a literatura se torna militante e abre espaço para a denúncia dessas contradições e iniquidades, percebidas nestes textos que falam de pessoas mal cuidadas, pessoas supérfluas, sobrantes, pessoas deixadas para morrer. E para denunciar estes casos é preciso alinhar-se a uma escrita engajada, militante, uma escrita denúncia. Construir uma literatura a serviço dos oprimidos, que funcione como uma ferramenta de transformação social.

Por essas e por tantas outras razões, é possível afirmar que a literatura faz bem à saúde.

Contar histórias, escrever para não morrer

Nesta parte final, gostaria ainda uma vez, correndo o risco de me tornar repetitiva, de falar um pouco mais sobre a importância da literatura. No mundo acadêmico, há uma tradição de exigência quanto à produção escrita dos estudantes, que por sua vez, muitas vezes sentem que a cobrança é formal e reagem produzindo textos despersonalizados, escritas bancárias poderia se dizer parafraseando Paulo Freire. Vou contar então uma experiência em que esta posição foi quebrada e a escrita constituiu a produção principal escolhida por um grupo de estudantes.

Quando iniciou a epidemia de Covid-19, ocorreu um problema operacional referente a uma pesquisa, cujo objetivo era sediar grupos presenciais de mulheres

em situação de violência. Para resolver este problema, a opção foi trabalhar com grupos em ambiente virtual, acolhendo a comunidade acadêmica da universidade, fragilizada frente à epidemia. O surpreendente no transcorrer destes grupos foi o desejo dos e das participantes de escrever sobre seus sentimentos, e os encontros constituíram verdadeiras “oficinas de textos”. Escrevendo, eles contaram dos medos e angústias, denunciaram discriminações, preconceitos e violências, expuseram segredos e experiências íntimas, deixando patente o quanto a escrita autobiográfica é capaz de produzir sentidos, mesmo ao se defrontar com a dor.

No processo grupal, escreveram cartas, ressuscitaram diários esquecidos na gaveta, rememoraram alegrias e tristezas, construíram portfólios e outras artes, em uma verdadeira ferraria de histórias, em que o “narrador sucateiro” (GAGNEBIN, 2006) foi o protagonista, mostrando que tudo se aproveita, nada é desprezado, nada é descartado, mesmo os elementos inferiores, vergonhosos e escondidos. Ao final o grupo havia construído um Antimanual para enfrentar a Covid-19 (MENEGHEL; GOMES; MENEGHETTI; SILVEIRA; RIBEIRO, 2020).

Já que falei em cartas, no prazer proporcionado pela escrita de cartas, este velho hábito atualmente abreviado pelo uso do celular, inspirada em um pequeno livro de Rainer Maria Rilke (2006), gostaria de dirigir algumas palavras finais a vocês, poetas jovens que escreveram o livro aqui posfaciado. No livro *Cartas a um jovem poeta* (2006), Rilke questiona o rapaz que lhe escrevia querendo saber o que devia fazer para tornar-se um escritor, por meio de uma pergunta que refaço agora: *morreríamos se nos fosse vedado escrever?*

Escrever para não morrer. Escrever por necessidade, por um desejo tão intenso que dói. Para isso, disse o poeta, algumas recomendações são necessárias. A primeira delas é a necessidade de buscar a solidão interior. Não dá para deixar de afirmar o quão difícil e ao mesmo tempo, tão necessário, é ficar sozinho. Vocês, trabalhadores de saúde sabem da solidão amarga dos corredores do hospital em uma noite de plantão, da solidão de uma decisão a ser tomada sobre quem vai ocupar o leito e quem vai morrer, da solidão de fazer o prognóstico de uma vida.

A segunda questão apontada pelo poeta é a de evitar falar sobre nossas paixões e relações amorosas. “Não escreva poesias de amor!”, disse ele ao jovem aprendiz, indicando-lhe para se afastar dos temas banais e mais explorados, do sentimentalismo raso, dos chavões desbotados. O que restaria então? “*Não há*

senão um caminho. Procure entrar em si mesmo e entender o motivo que o leva a escrever (...) e, seja absolutamente sincero com seus sentimentos por mais difícil ou doloroso que isso possa parecer”.

Nesta coletânea, muitos textos vieram na forma epistolar, como cartas ou diários. *Morbus Gallicus* é um deles, apresenta o Rio de Janeiro do início do século XX, a cidade em ebulição com a proposta higienista posta em prática. Participamos deste cenário lendo excertos da correspondência trocada entre Raymundo Corrêa, o poeta parnasiano, e Oswaldo Cruz, o sanitarista que inaugurou a saúde pública neste país. Cartas repaginadas e resgatadas dos velhos baús da memória, uma mistura de história e de afeto, recuperada por uma sanitarista de hoje.

E para fechar o círculo, preciso falar novamente de Walter Benjamin com quem comecei esta conversa. Ao explicar a decadência da narrativa, o autor explica o caráter irremediável deste processo que findou com uma época, quando a atividade manual e artesanal do fiar, tecer, debulhar, fazia com que o ouvinte, imerso no trabalho, se esquecesse de si mesmo enquanto ouvia a história. Só desta maneira, esquecendo-se de si mesmo, é que a história contada e recontada acaba sendo incorporada, de tal maneira, que o ouvinte se torna um narrador.

Importante salientar que para Benjamin, as histórias têm sempre uma dimensão utilitária, um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma norma de vida e, assim, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Porém, esta habilidade perdeu o status na atualidade, embora seja praticada por charlatães, vigaristas, pregadores de feira, dentre outros de “colarinho branco”, que utilizam o “dar conselhos” de uma maneira manipuladora. Porque para Benjamin (p.200), “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação da história que esta sendo narrada”. O que no olhar de Jeanne Gagnebin (1985, p 11) significa “a inserção do narrador e do ouvinte dentro de um fluxo narrativo comum e vivo, já que a história continua e está aberta a novas propostas e ao fazer junto”.

Sim, as histórias estarão sempre abertas a novas propostas, ao fazer junto e à magia de alavancar transformações no (s) próprios narradores e ouvintes.

Agradeço a Vatsi, pela leitura, pela sugestão da epígrafe e pelas contribuições a este texto.

São Jorge de Ilhéus, junho de 2021

Referências

- AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus; 1994.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. *In: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura, arte e política.* São Paulo. Ed. Brasiliense; 1985. p. 197-221.
- BOLTANSKI, Luc. El amor y la justicia como competencias. Tres ensayos de sociología de la acción. Buenos Aires: Amorrortu Eds; 2000.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
- CAMUS, Albert. A queda. Rio de Janeiro: Círculo do livro; 1984.
- DELGADO, Juan Manuel; Gutierrez, Juan. Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales. Madrid: Síntesis, 1995.
- FLAUBERT, Gustave. Madame Bovary: costumes de província. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro; 1999.
- GAGNEBIN, Jeanne. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo. Ed. 34; 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne. Prefácio. Walter Benjamin ou a história aberta. *In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura, arte e política.* São Paulo. Ed. Brasiliense; 1985. p. 7-20.
- GOFFMAN, Ervin. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1980.
- HILLMAN, James. Entrevista com Laura Pozo sobre psicoterapia, biografia, amor, alma, sonhos, trabalho, imaginação e o estado da cultura. São Paulo: Summus; 1989.
- Livro das Mil e Uma Noites. Tradução de Mamede Mustafá Jarouche. v. 1. São Paulo: Globo; 2005.
- MENEGHEL, Stela N. Algumas reflexões acerca do suicídio e do comportamento suicida. *In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Comportamento suicida de idosos.* Fortaleza: Edições UFC; 2016. p. 93-118.

MENEGHEL, Stela N.; GOMES, Ana Lucia; MENEGHETTI, Bruna; SILVEIRA, Karolline S.; RIBEIRO, Rafael Flores. Antimanual para enfrentar a Covid-19. Falando de medos, angústias e violências. Porto Alegre: Rede Unida; 2020.

MENEGHEL, Stela N.; IÑIGUEZ, Lupicínio. Contadores de histórias — práticas discursivas e violência de gênero. Cadernos de Saúde Pública, v. 23, n. 9, p. 105-119, 2007.

OLIVEIRA, Maria Luiza Pereira; MENEGHEL, Stela N.; BERNARDES, Jefferson S. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 2, p. 266-274, 2009.

RILKE, Rainier Marie. Cartas a um jovem poeta. Porto Alegre: LPM Pocket; 2006.

SKARMETA, Antonio. O carteiro e o poeta. Rio de Janeiro: Record; 1996.

SONTAG, Susan. A doença como metáfora, Rio de Janeiro: Graal; 1984.

TOLSTÓI, Leon. A morte de Ivan Illich. Porto Alegre: L&PM Pocket; 2008.

TOLSTÓI, Leon. Anna Karenina. 2. ed. São Paulo: Ed. Kosaf & Naify; 2005.

* * *

Stela Nazareth Meneghel é graduada em Medicina UFRGS (1977), com especialização em saúde pública pela ENSP (1978), mestrado e doutorado em Ciências Médicas pela UFRGS (1989; 1996) e pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Autônoma de Barcelona (2005/6). Atualmente é professora associada da UFRGS e coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde da Família/UFRGS. Participa do Grupo de Estudos Rotas Críticas: desigualdades sociais, generificadas e racializadas/UFRGS.